

ARTIGO

## **MODERNISMO, REGIONALISMO E O LUGAR DO FUTEBOL NA FICÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO: UMA LEITURA DE *ÁGUA-MÃE***

BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA

Escola de Ciências Sociais/FGV CPDOC  
Doutor em História/PUC-Rio  
ORCID: <https://orcid.org/0001-7781-4684>

**RESUMO:** O artigo inscreve a temática do futebol na história mais ampla do modernismo brasileiro, ao focar a trajetória do escritor regionalista José Lins do Rego no Rio de Janeiro dos anos 1940, quando se consagrou como romancista e, em paralelo, investiu na colaboração em jornais, por meio de uma série de crônicas esportivas. O recorte aqui proposto centra-se em um romance menos conhecido do autor, *Água-mãe*, e sustenta que o imaginário nacional-popular em torno da prática futebolística no país dá ensejo à inserção do assunto na ficção brasileira. Ao mesmo tempo, tal inscrição romanesca permite a renovação ficcional e a reelaboração da própria imagem do escritor, até então marcado pela paisagem regional nordestina, procurando refutar parcela da crítica literária, que o limitava à monotemática do memorialismo de sua região natal. Ao final da descrição e da análise do livro, o artigo conclui com o argumento de que a investida de José Lins do Rego em uma narrativa fictícia em torno do cenário urbano carioca e do interior fluminense, com o recurso a temas contemporâneos e ao cotidiano de então, como o futebol, mostra sua contribuição a propósitos gerais do ideário modernista, que se desdobrou e se metamorfoseou ao longo da primeira metade do século XX em distintos grupos, em diferentes correntes e em uma miríade de concepções artístico-literárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernismo; regionalismo; futebol; José Lins do Rego.

## **MODERNISM, REGIONALISM AND PLACE OF SOCCER IN JOSÉ LINS DO REGO'S FICTION: A READING OF *ÁGUA-MÃE***

**ABSTRACT:** The article inscribes the theme of football within the broader history of Brazilian modernism, focusing on the trajectory of regionalist writer, José Lins do Rego, in 1940s Rio de Janeiro, when he established himself as a novelist and, in parallel, invested in newspaper collaborations through a series of sports chronicles. The framing proposed here focuses on a lesser-known novel by the author, *Água-mãe*, and sustains that the national-popular imagination around the practice of soccer in the country gives rise to its insertion in Brazilian fiction. At the same time, this novelistic inscription allows for the fictional renewal and the reworking of the writer's own image, hitherto marked by the Northeastern landscape, seeking to refute a portion of the literary criticism that limited him to the monothematic of the memorialism of his native region. At the end of the description and of the analysis of the book, this article concludes with the argument that José Lins do Rego's advance into a fictional narrative around the urban and countryside scenes of Rio de Janeiro – with the use of contemporary and everyday themes of the time, such as soccer – shows his contribution to the general objectives of the modernist ideal, which had been developed and metamorphosed throughout the first half of the 20<sup>th</sup> century within different artistic-literary groups, currents, and conceptions.

**KEYWORDS:** Modernism; regionalism; football; José Lins do Rego.

Recebido em: 21/10/2021

Aprovado em: 17/01/2022

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2022v73p72-101>

“Os caminhos da ficção que nos legou passam pelo eito dos engenhos de cana da várzea do Paraíba, da mesma forma que pelos vestiários dos clubes de futebol”.  
(COUTINHO, Edilberto).

## Introdução

As interpolações entre modernismo e futebol suscitam no presente dossiê desde logo uma ponderação: trata-se de investigar o futebol à luz dos estudos histórico-literários, ou por outra, estamos diante do exame da literatura regional-modernista sob a ótica dos estudos esportivos? A definição do campo de abordagem não precisa ser respondida de forma direta e unívoca, de modo que a pergunta ressoa de início provocativa, sem a demanda por uma resposta imediata, e que procurará ser respondida ao longo do artigo a seguir.

Passadas duas décadas de difusão e de acúmulo de estudos sobre a crônica esportiva reguiana (COUTINHO, 1995; HOLLANDA, 2004; ANTUNES, 2004; CAPRARO, 2016), considera-se o presente dossiê uma ocasião oportuna para volver ao romance em José Lins do Rego, uma vez que tal gênero também contemplou a temática futebolística em sua narrativa. Entre 1932 e 1953, de *Menino de engenho* a *Cangaceiros*, o romancista produziu um total de doze obras romanescas, perfazendo uma média de quase um romance a cada dois anos.

Sua produção ficcional mais conhecida, altamente associada às memórias e às vivências pessoais de infância e juventude, compreendeu dois conjuntos principais, chancelados pela Editora José Olympio, responsável por agrupar e esquematizar a seguinte denominação: o ciclo da “Cana-de-açúcar” e o “Misticismo, cangaço e seca”.

A nomenclatura cíclica, por si só, já remonta ao imaginário social e à geografia nordestina, seja ela a dos engenhos ou a do universo sertanejo, embora perca de vista aquela das grandes cidades, como a Recife de *O moleque Ricardo*. Aqui também a editora e a fortuna crítica em geral cristalizaram uma imagem concernente ao núcleo principal de sua ficção, em detrimento de outros livros, vistos ora como de menor qualidade ora como de menor importância, posto que escapam à coordenada geográfica centrada no

Nordeste, núcleo original de sua criação. Esse é o caso de *Água-mãe* (1941) e de *Eurídice* (1947), acantonados pela crítica na condição de romances “independentes”, porquanto fogem da paisagem regional e do *topos* matricial de sua literatura.

Se o conhecimento se renova à medida que as convenções são questionadas, é hora de colocar de ponta-cabeça tal hierarquia. Entende-se que uma revisita aos “modernismos” no Brasil é uma oportunidade para interpelar essa zona de conforto, quando não esse silenciamento em relação a livros menos conhecidos, ofuscados pelo tempo, pelo menor número de reedições, pelas interferências editoriais (CHARTIER, 2016) e pela carga valorativa da crítica na determinação do que é e do que não é importante na obra de um autor. No caso em tela, a informação acerca da presença da temática do futebol no romance *Água-mãe* despertou nosso interesse para sua leitura e exame, já anunciado como a primeira obra ficcional a tratar do universo futebolístico no Brasil.

O escopo delineado pelo presente dossiê nos impele a circunscrever de forma bem precisa e concreta a divisão estrutural desse texto, em três seções. A primeira procura dar a conhecer as influências intelectuais do ideário estético regionalista e modernista que aproximaram José Lins do Rego do fenômeno futebolístico, em especial suas relações com o jornalista esportivo Mário Filho e com o sociólogo Gilberto Freyre, bem como com outros regionalistas nordestinos de sua geração que se radicaram no Rio de Janeiro, como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e Jorge de Lima.

Em seguida, na segunda seção, apresenta-se a obra *Água-mãe* e nela desenvolvem-se a estrutura literária, a sinopse do enredo e a recepção desse é o nono romance do escritor.

Por fim, focamos em específico no temário do futebol, de modo a mostrar como José Lins introduz na ficção a persona e os dilemas do jogador de futebol, cujo imaginário de ascensão social permanece desde então intocado. Para tanto, descrevemos e analisamos como o escritor narra a trajetória de um aspirante a futebolista do interior do Rio de Janeiro, que chega ao estrelato de um grande clube carioca, e deste à Seleção brasileira, até que uma contusão precipita sua decadência, força o encerramento de sua carreira e relega o ídolo Joca ao ostracismo e ao esquecimento.

Com efeito, chega-se ao final à conclusão de que, longe de ser uma categoria estanque, o modernismo regionalista praticado por José Lins do Rego (CASTELLO, 1961) logrou experimentar e incorporar à sua produção literária temas emergentes do cotidiano urbano da capital da República, nos idos dos anos 1940, quando sua condição de cronista e de ensaísta avulta, em paralelo à sua reputação já consagrada de romancista, que o levaria nos anos 1950 à eleição para a “imortalidade” da Academia Brasileira de Letras.

### **Triangulações nordestinas: vida literária e esportiva no Rio de Janeiro**

A aproximação do escritor paraibano José Lins do Rego com o futebol a partir dos anos 1930, quando se radicou no Rio de Janeiro, em muito se deveu à figura de outro nordestino: o pernambucano Mário Rodrigues Filho (1908-1966). A atuação pioneira deste jornalista na promoção de eventos esportivos e carnavalescos na cidade do Rio de Janeiro foi de início destacada pelo memorialismo jornalístico dos anos 1990, quando Ruy Castro publicou a biografia de Nelson Rodrigues, irmão caçula de Mário Filho (CASTRO, 1992). Em *O anjo pornográfico*, Castro salienta que Mário Filho assumiu o papel protagonista de mentor e executor de uma série de atividades do calendário festivo da cidade, ao conceber e promover em 1932, por exemplo, o Desfile das Escolas de Samba, realização que será um sucesso na oficialização da música popular e do carnaval no Rio de Janeiro desde então (LIRA NETO, 2017, p. 246).

Com o crescimento dos seus investimentos nos esportes, Mário Filho adquire em 1936 um periódico especializado, de alcance nacional, voltado apenas para as modalidades esportivas: o *Jornal dos Sports*. O *Cor de Rosa*, como vai ser conhecido popularmente seu jornal, será um grande incentivador da prática de esportes amadores e da cobertura de espetáculos esportivos profissionais. Isto porque a implantação do profissionalismo no futebol, instituída por Vargas nos anos 1930, não deixava também de ser uma ocasião propícia para a expansão dos negócios para a empresa de Mário Filho (LEITE LOPES, 1994), que atua em consórcio com Roberto Marinho e outros agentes jornalístico-empresariais da capital da República (COUTINHO, 2019).

É Mário Filho, por exemplo, quem cria a legenda *Fla-Flu* e quem incentiva o concurso entre torcidas. Destarte, populariza ainda mais o ambiente ruidoso dos estádios do Rio, em um processo de expansão contínuo,

que se prolonga até a inauguração, em 1950, do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, para o Mundial da FIFA.

José Lins e Mário Filho se conhecem ainda nos anos 1930 e suas relações se estreitam na década de 1940, primeiramente no jornal *O Globo*, depois no *Jornal dos Sports*, aonde o jornalista pernambucano convida o romancista a assinar a coluna “Esporte e Vida”. Junto à colaboração dos periódicos e à ida aos estádios, Mário Filho inicia uma série de livros memorialísticos e de pesquisa sobre a história do futebol no Brasil. O primeiro deles sai em 1943, com o título de *Copa Rio Branco 32*, ao passo que o segundo livro é publicado dois anos depois, em 1945, intitulado *Histórias do Flamengo*, por ocasião do cinquentenário de fundação do clube rubro-negro.

José Lins do Rego assina o prefácio a *Copa Rio Branco 32*. O livro gira em torno da vitória do selecionado brasileiro neste campeonato, com um time formado por jogadores brancos, negros e mestiços, superando o Uruguai, em Montevideo, a então equipe recém-campeã da 1ª Copa do Mundo FIFA de futebol, em 1930, além de bicampeã olímpica (1924-1928). A obra dá uma mostra da vibração que cercava a formação de uma seleção originária das mais diferentes procedências econômicas e sociais, em um tipo de descrição em que se podem perceber as influências das teorias raciais e culturais de Gilberto Freyre, conforme veremos na sequência da citação:

Os rapazes que venceram em Montevideu eram um retrato de uma democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martins. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. Lendo este livro sobre foot-ball, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo (REGO, 1943. In: RODRIGUES FILHO, p. 7-8).

Em 1947, Mário Filho publica seu terceiro livro com temática esportiva, considerado seu clássico: *O negro no futebol brasileiro*. O prefácio é de Gilberto Freyre, amigo de José Lins desde os anos 1920, quando se conheceram em Recife. Freyre era o consagrado e controvertido autor de *Casa-grande & senzala* (1933), que fora eleito deputado federal pela UDN e que se transferira para o Rio em 1946 para exercer o seu mandato político. Mário Filho concebe seu livro sob a forma de crônicas, em que narra a dinâmica histórica de transformação do futebol, a se metamorfosear de

prática de entretenimento das elites amadoras em paixão das massas urbanas e em espaço ascendente de profissionalização de atletas de origem negra e popular.

No Distrito Federal, José Lins do Rego, por seu turno, é quem apresenta o jornalista pernambucano ao conterrâneo sociólogo, já consagrado autor de *Sobrados e Mucambos* (1936). A sociabilidade nordestina, região cuja “invenção” passa também pelas mediações de escritores residentes no Rio de Janeiro (ALBUQUERQUE Jr., 2018), resulta no convite Mário Filho para a introdução do livro por Gilberto Freyre. Inspirado em imagens literárias, o prefaciador compara o zagueiro Domingos da Guia ao escritor Machado de Assis. Para o sociólogo pernambucano, Da Guia jogava como Machado escrevia, tinha um estilo “apolíneo”, era ereto, fleumático, como um inglês desgarrado nos trópicos. Autor da *domingada*, Da Guia driblava com elegância e frieza dentro da própria área, sem chutar a bola de qualquer maneira, sendo capaz de passar a bola com categoria.

Já Leônidas da Silva, para Freyre, seria um jogador com um estilo de jogo que classificava de “dionisíaco”, por assim dizer de explosão, com base em categorias hauridas da leitura freyreana de Nietzsche, a acentuar os aspectos “primitivos” ou “irracionais” da formação histórico-social brasileira. Assim, se Domingos era retilíneo corporalmente, Leônidas era curvilíneo, anguloso, lábil. Inflamado, este fazia floreios “barrocos” com a pelota. Suas fintas e seus dribles ludibriavam os adversários no arremate do gol, insuflando a idolatria em torno do futebolista.

O livro freyreano de Mário Filho traz um argumento até certo ponto polêmico, qual seja, o de que o futebol se popularizou no Brasil graças à entrada de negros nos grandes clubes esportivos do Rio de Janeiro. Estes se originaram dos clubes de remo, que logo se tornaram espaços também para a prática do futebol, e não querem permitir a entrada das classes subalternas, nem nos gramados nem nas suas sedes sociais. A argumentação da obra considera que o carioca Leônidas da Silva, ídolo-mor de José Lins do Rego, encarnava a condição do jogador de origem plebeia, nascido no subúrbio da cidade, que contribuiu para romper com essas barreiras impostas pelos amadoristas endinheirados. Tais jogadores passavam a representar o país nos selecionados nacionais, em competições internacionais disputadas na América do Sul e na Europa.

Dois anos depois de publicar esse livro, chamado por muitos de um “clássico”, e que não escapou de críticas de parte da Academia estruturadora do campo de estudos esportivos a partir dos anos 2000 (PEREIRA, 2001; HELAL, LOVISOLO, SOARES, 2001), em diapasão não muito distinto dos questionamentos endereçados a Freyre pelas Ciências Sociais e pela Historiografia (REIS, 1999), Mário Filho ainda lança mais um: *Romance do futebol* (1949). José Lins volta a fazer elogios ao jornalista em sua coluna do *Jornal dos Sports*. Desta vez ele destaca a habilidade de Mario Filho como escritor:

Outro livro que Mário Filho tomou para substância e conteúdo humano o futebol. É que arrancou dessa prática esportiva a sua mais romanesca particularidade. Mário Filho é o homem que tem o dom da narração, de contar o que sabe e o que imagina, como rio que corre para o mar. Os fatos, os incidentes, os choques, as alegrias e as dores dos seus personagens se apresentam ao leitor, como um conto ou história de Trancoso, no mais simples e mais patético narrar. ético narrar.

Se é preciso carregar nas cores, para que a figura surja, no seu melhor pitoresco, o escritor Mário Filho não recorre aos retratos naturalistas, onde até os botões do casaco estejam no seu lugar. Nada. O escritor adota a técnica cinematográfica da câmara, e nos põe em contato com as suas personagens, no movimento da vida.

Neste sentido, a história de Jaguaré é uma obra-prima. O herói burlesco, o palhaço das exposições, de fleuma e acrobacia, o homem que brincava com os nervos das multidões, que fizera do football uma originalidade de circo, corre no filme de Mário, desde os dias de malandragem, com o gorro de marinheiro na frente da cabeça e a camisa por fora das calças, até os dias gloriosos da França ou das vitórias espetaculares do Vasco, à morte a pauladas, como se fosse um cachorro, danado, numa cidade do interior de São Paulo. O poder descritivo de Mário Filho atinge ao seu maior volume, ao vigor trágico, na narrativa que ele faz do desastre de Teresópolis, com o trem do Fluminense. O fato, nu e cru, cria um corpo de acontecimentos empolgante. O trem a despencar da ladeira abaixo. E depois os gemidos, o sangue, os gritos, na desordem dos carros esfrangalhados, da máquina despedaçada no abismo. E morre Py, no silêncio da viagem lúgubre, com a presença de Vinhais, como guarda do velório. Esta é a grande página de Mário Filho, o seu maior poder de romancista, que sabe arrancar da realidade as suas seivas vitais.

‘O romance do football’ apresenta também o burlesco, a paixão que supera o ridículo como no caso daquele Guimarães, carona que queria, à força, um permanente do clube para poder exhibir a sua importância de convidado credenciado.

Reli todo o livro de Mário Filho com o mais vivo interesse. E o que mais caracteriza as suas qualidades de narrador é a superioridade de sua natureza humana, a nota poética de que anda sempre nos fatos que ele isola para a sequência de seus filmes. Os homens de Mário Filho, desde os mais humildes aos mais graúdos, são criaturas que nos interessam,



e nos comovem, homens que se entregam à paixão de sua partida de football para se comportarem à vontade dos acontecimentos, como folha ao vento. (REGO, 1950, p. 5)

Não foram apenas o jornal e o livro que aproximaram José Lins do fenômeno futebolístico. Sua aproximação deriva também da popularidade desta modalidade junto ao rádio, principal veículo de comunicação nos anos 1930 e 1940. Na política, por exemplo, a radiodifusão vai permitir a Getúlio Vargas a comunicação oral com a população brasileira, então dispersa em território de dimensões continentais, perfazendo mais de oito milhões de quilômetros quadrados. Para tanto, o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo, o temido DIP do Estado Novo (DUTRA, 2013), criou o hábito de irradiar os seus discursos, conhecidos pelo nacionalismo e pela grandiloquência, a ganhar fama com a habitual exclamação de abertura “– trabalhadores do Brasil!”.

O estádio de São Januário foi um dos palcos preferidos utilizados pelo presidente em datas cívicas, como o Primeiro de Maio, quando se comemorava o Dia do Trabalhador e uma série de solenidades patrióticas (PARADA, 2009). Estas ocasiões rituais eram retransmitidas pelo rádio para boa parte do país. O rádio, instrumento de sonorização e de captação de sinais eletromagnéticos, permitiu também a Orlando Silva (1915-1978), lançado por Francisco Alves (1898-1952) e cognominado o “cantor das multidões”, ecoar sua voz e emocionar milhares de ouvintes nos diversos quadrantes do Brasil. Junto ao futebol, a música se revelará um notável meio de catalisação de audiência nas estações de rádio e chegará também às telas de cinema, outro grande meio de entretenimento e de unificação do imaginário nacional no período. (NAPOLITANO, 2001)

Embora a década de 1930 marque a descoberta e o encantamento de José Lins com o fenômeno futebolístico, não se deve presumir que ele tenha deixado de lado o seu interesse pela literatura e pelos amigos literatos. Neste período, ocorre a soltura da cadeia de Graciliano Ramos, que conhecera quando de sua residência em Maceió, entre 1926 e 1935, e de quem se tornara grande amigo. Como é consabido, em meio à ascensão nazifascista na Europa, vivia-se em nível nacional também uma época de radicalização política. No Brasil, em 1935, ano em que Graciliano é preso, havia ocorrido a chamada *Intentona Comunista*, como se sabe, a tentativa malograda de tomar de

assalto o poder no país, durante o governo constitucional de Vargas, por parte de admiradores do regime em curso na União Soviética.

O próprio José Lins retratara esse ambiente de agitações grevistas em *O moleque Ricardo*, seu quarto romance, publicado justamente em 1935, ainda que a ficção remonte aos fins dos anos 1910 e início dos anos 1920. O livro tem por personagem principal um operário que se envolve em conspirações políticas e por fim é enviado para o degredo na Ilha de Fernando de Noronha, tal qual o triste personagem Policarpo Quaresma, da ficção de Lima Barreto, também fora levado à Ilha das Enxadas. Nesse contexto de meados da década de 1930, Graciliano Ramos, simpatizante do Partido Comunista como muitos outros artistas e escritores – Jorge Amado, Cândido Portinari, Ismael Nery, Edison Carneiro, Dalcídio Jurandir e Carlos Drummond de Andrade –, acaba preso em Alagoas.

Graciliano é enviado para o presídio de Ilha Grande no Rio de Janeiro, onde conhece a doutora Nise da Silveira (1906-1999), conterrânea alagoana também encarcerada, que se tornaria uma líder na mudança de tratamento clínico em hospitais psiquiátricos no Brasil, além de fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente (1952), em parceria com o crítico de arte trotskista Mário Pedrosa. À maneira do teórico marxista italiano Antônio Gramsci (1891-1937), Graciliano também se dedicou a escrever no presídio, a fim de suportar o ostracismo do cativo. Foi na prisão que redigiu um clássico da literatura brasileira: *Memórias do cárcere*.

Em 1937, ao lado de José Olympio, que havia lançado no ano anterior o romance de Graciliano, *Angústia*, José Lins intercedeu no Palácio do Catete e solicitou a intelectuais colaboradores do governo – Almir de Andrade, Lourival Fontes e Herman Lima –, a libertação do escritor. Após uma série de negociações, o pedido foi concedido e Graciliano saiu da prisão.

De início, Graciliano se hospedou na casa de José Lins, situada na Rua Alfredo Chaves, no bairro do Humaitá. Lá conviveu com Dona Naná e com as três filhas de José Lins. De forma anedótica, conta o crítico Silviano Santiago, no livro *Em liberdade: uma ficção*, que um novo hábito – a veneração de José Lins pelo futebol – causou espanto em Graciliano durante a estada em sua residência na zona sul do Rio. Depois de poucos dias na casa, teria concluído perplexo o escritor: “Aqui Leônidas da Silva é mais importante que Dostoievski” (SANTIAGO, 1985).

Em paralelo à ação política em prol de amigos escritores, nestes primeiros anos em que se estabelece no Rio de Janeiro, a veia literária se apresenta prolífica. Seguindo a sugestão do editor José Olympio, o escritor publica em 1935 o citado *O moleque Ricardo*. A série continua no ano seguinte, com *Usina* (1936); em 1937 aparece *Pureza*, um ano depois *Pedra Bonita* (1938) e em 1939, *Riacho Doce*.

A impressionante sequência anual dos livros publicados atendia em parte ao sucesso de vendas, em parte à disposição do autor na reinvenção das suas lembranças do agora distante Nordeste. O pano de fundo podia ser ora o espaço litorâneo e urbano de *O moleque Ricardo* e *Riacho Doce*; ora a ligação entre o litoral e o interior nas estações das linhas de trem em *Pureza*; ora as transformações de sua região de origem em *Usina*; ora ainda o sertão adusto em *Pedra Bonita*.

Assim, apresentada acima uma seleção contextual, enquadradora de aspectos interpessoais de José Lins na vida literária e esportiva dos anos 1930 e 1940, passemos à seção seguinte, a fim de tratar da obra de José Lins do Rego eleita para uma análise mais detida e circunstanciada no presente artigo: *Água-mãe*. Sua apresentação permitirá compreender continuidades e mudanças no conjunto da criação ficcional do escritor vis-à-vis o regionalismo. Ao mesmo tempo, tenciona-se entender a introdução pioneira do tema do futebol no conjunto da sua obra romanesca, bem como na história mais lata do modernismo brasileiro.

### **Vicissitudes de um romance “independente” e sua narrativa romanesca**

Entre 1941, ano de lançamento de *Água-mãe*, e 2012, quando da décima terceira edição do livro, transcorreram mais de setenta anos. Treze edições parece um número significativo para os padrões do mercado editorial brasileiro, mas se comparado, por exemplo, ao premiado *Menino de engenho*, com mais de 110 reedições até o momento, o número mostra o alcance diminuto que teve *Água-mãe* na comunidade letrada e no legado da obra de José Lins do Rego ao longo das décadas.

Trata-se, no entanto, de um romance que também teve reconhecimento à época de seu surgimento, com a outorga do Prêmio Felipe D'Oliveira, título literário de prestígio naquele período, ao lado dos concedidos pela Fundação Graça Aranha e pelo Prêmio Fábio Prado. Não seria o momento

de entrar em filigranas e perguntar se a conquista da láurea se deveu à fama então angariada pelo literato ou às qualidades inerentes ao livro, importa, isso sim, assinalar que o romance não passou em brancas nuvens na esteira de sua aparição.

O romance foi marcado também por certo ineditismo, em vista da mudança paisagística, que acompanha o deslocamento do escritor do Nordeste para o Rio de Janeiro, capital da República, cidade em que se radicara em 1935, vindo de Maceió, junto com sua família. Assim como o eixo nordestino se mostrava fluido na literatura reguiana, transitando entre o sertão, a região do massapê e sua faixa litorânea, a paisagem do Rio aparece na obra do autor de forma igualmente realística e semovente, com idas e vindas narrativas entre o perímetro urbano do populoso Distrito Federal, então com cerca de 1.5 milhão de habitantes, e zonas mais afastadas do interior fluminense, em particular a Região dos Lagos.

Há um dado biográfico que ajuda a explicar a entrada do Estado do Rio de Janeiro no cenário romanesco. Bacharel em Direito, José Lins trabalhava como funcionário público em Niterói, então capital do estado fluminense. Seu ofício era o de fiscal do imposto de consumo e com esse cargo fora transferido da capital alagoana ao Rio de Janeiro em 1935. Nessa condição, é deslocado de tempos em tempos a atuar no interior, em cidades como Valença, um dos caminhos históricos das plantações de café do Vale do Paraíba, no século XIX. Em 1939, José Lins recebe nova missão em suas funções burocráticas e muda sua residência da capital carioca para a Região dos Lagos, mais precisamente para a cidade de Cabo Frio, onde passa uma temporada.

Tal qual o bairro litorâneo de *Riacho Doce* (1939), seu oitavo romance, ambientado na capital de Alagoas, a estadia obrigatória na região praiana das salinas de Cabo Frio, das lagoas de Araruama e de Arraial do Cabo serve-lhe de inspiração para que, dois anos depois, já de volta à cidade do Rio, escreva e publique *Água-mãe*. Outras cidades do interior fluminense pontificam na geografia do enredo, a exemplo de Maricá, Bacaxá e Iguaba.

O eixo central da trama gravita em torno de mistérios de uma casa mal-assombrada, existente nas franjas da lagoa, na região povoada por uma humilde comunidade de pescadores e barqueiros. Conforme dito acima, o livro apresenta, à primeira vista, algumas novidades temáticas, paisagísticas e sociais em relação às obras anteriores: 1) não se filia a aparentemente nenhum

dos seus ciclos de romance – nem o da Cana-de-Açúcar nem o do Cangaço, do Misticismo e da Seca; 2) não se passa no Nordeste nem explora a paisagem da cor local nordestina; e 3) tenta retratar na ficção famílias pertencentes às três esferas da sociedade, das classes populares às classes remediadas e destas às classes altas do Rio de Janeiro.

Se há a constatação dessas singularidades, há quem, como o jornalista e crítico Manuel da Costa Pinto (2013), sustente que apenas de forma aparente este livro se distancia dos demais da lavra do escritor. Apreciado em forma e conteúdo, o romance publicado em 1941 pouco difere das oito ficções antecessoras, publicadas por seu turno de maneira ininterrupta durante a década de 1930. *Água-mãe* é tão caudaloso quanto os anteriores, com mais de trezentas e cinquenta páginas. À maneira dos predecessores e dos sucessores, estrutura-se em duas partes principais, formato bipartite em que a primeira constitui uma espécie de preâmbulo, sendo sucedido pela segunda e principal seção da trama narrativa.

O ponto sugerido por Pinto, e com o qual concordamos, é que a diferença na nova ambiência ficcional e a introdução de novos personagens tampouco modificam aspectos centrais da técnica narrativa e dos motivos elaborados pela imaginação literária do escritor. É, pois, mais continuidade que ruptura, apesar do notável esforço do romancista de mostrar independência de sua região natal, em meio ao afã de superar uma observação recorrente na pena e no crivo dos críticos de então, segundo a qual se tratava de autor monotemático e repetitivo, a fazer documentários, não propriamente ficção.

O poeta Ledo Ivo vai ao encontro do argumento de Pinto, e arremata em conferência sobre *Riacho doce*, ao salientar como o componente “marítimo” desdobra-se do telúrico na ficção seguinte: “é um romance praieiro, belíssimo, de um escritor que nasceu num engenho, no agreste paraibano, de modo que é curioso que ele tenha tido esse sentimento do mar, que se repete em *Água-mãe*, romance desenrolado em Cabo Frio” (2001).

Deve-se ainda desbaratar a argumentação em torno da “independência” de *Água-mãe* mediante a apreciação feita por um literato contemporâneo, quando do lançamento do nono romance de José Lins. Trata-se do mineiro Afonso Arinos de Melo Franco que, em 22 de março de 1942, publica o ensaio “O espelho das águas”, no jornal *Diário de Notícias*. Nele

explora o “sentimento poético” do romancista em sua relação com as águas. Estas se materializam seja no Rio Paraíba de *Menino de engenho*, seja no mar oceânico de *Riacho doce*. A continuidade tem prolongamento na Lagoa de Araruama, de *Água-mãe*, assim retratada:

[...] as suas cores tão delicadas como as de um quadro de Vermeer, refletindo nas águas a graça de um céu manso e servindo, no entanto, de palco a cenas de ferocidade e a paixões que se chocam com a sua paz e que sopram sobre ela como vendavais. Água de rio, de açude, de poço, de lagoa, de mar. À beira dela, José Lins do Rego faz viver e sofrer os bonecos por vezes tão falsos dos seus romances, portadores das taras e das injustiças de nossa formação. É triste, é sofredora a imagem do povo cuja face vemos refletida no espelho destas águas. (FRANCO, 1942, p. 5)

Por fim, a pesquisadora Isabella Rechtenthal (2014) expõe em sua dissertação de mestrado a demonstração mais cabal e sistemática do argumento do paralelismo da atmosfera de decadência e de transformação de *Água-mãe* com os ciclos regionalistas de José Lins do Rego na década de 1930. A fim de corroborar sua hipótese, elege *Fogo morto* para cotejo entre personagens e situações assemelhadas, a despeito das diferenças espaciais entre as paisagens nordestina e fluminense.

*Água-mãe* tem sua primeira parte intitulada “A Casa Azul” e se subdivide em oito capítulos. Já a segunda parte, bem mais ampla, intitula-se “Os Mafra” e conta com 29 seções. A capa traz desenho de seu conterrâneo paraibano Tomás Santa Rosa, enquanto as ilustrações de Luís Jardim se sucedem nas edições seguintes. De modo semelhante aos livros anteriores, o livro vem com dedicatória a três amigos. São eles Daniel Pereira, irmão de José Olympio e seu braço direito na editora, Antiógenes Chaves, político pernambucano, e Roberto Alvim Corrêa, belga de nascimento, radicado no Rio, onde se torna amigo de José Lins do Rego, além de professor de francês.

O enredo versa sobre a história de três famílias, que representam por sua vez três camadas sociais diferentes: a rica, média e pobre. Independente das classes de origem, a narrativa encompassa seres humanos que desejam fugir das suas condições naturais e procuram se desligar dos seus círculos sociais. A protagonista da primeira parte é a própria Casa Azul, a misteriosa casa-grande. Situada às margens da lagoa de Araruama, é um espaço abandonado, envolto em matagal e animais selvagens, cercado de lendas e mistérios.

As personagens de dois núcleos familiares aparecem nessa primeira parte. São elas: a família de Dona Mocinha, mãe de Lúcia, Luís e Laura, filhos criados com o auxílio de uma tutora, que vivem na salina Maravilha; e a de Cabo Candinho, pescador de camarão e pai de Joca, protagonista do futebol no romance, conforme trataremos a seguir. Candinho, que fora do Exército e lutara na Guerra do Contestado, é casado com Sinhá Antônia, vendedora de verduras em Cabo Frio, e filho da “Tia Filipa”, uma contadora de histórias, personagem homóloga à nordestina velha Totônia, que figura nos romances anteriores do escritor.

O cotidiano da vida nas casas desses trabalhadores é alterado quando a família Mafra, sob a liderança do patriarca, o Doutor Eugênio Mafra, compra a casa sombria. Apesar das crendices locais em torno do sobrenatural, o industrial adquire a residência e a reforma inteiramente. Residente na capital da República, mais precisamente na Rua São Clemente, em Botafogo, os Mafra utilizam o casarão colonial da Casa Azul como refúgio de férias, vivenda de veraneio, com direito a passeio em veleiros, iates e lanchas imponentes. Eugênio é casado com Dona Luísa e pai de três filhos: Luisinha, Marta e Paulo. Este último configura o protótipo do escritor e intelectual, espécie de alter ego do próprio José Lins do Rego, conquanto o personagem se encontra imerso e seduzido por ideias autoritárias.

Não cabe aqui nos delongarmos nas peripécias do enredo, que entrecruzarão as trajetórias das três famílias. Consideremos tão somente alguns apontamentos assinalados pela recepção ao livro. Segundo um dos eminentes críticos literários da época, Álvaro Lins (1956), o “Destino” é o grande personagem do romance, com todos os protagonistas marcados pela fatalidade. Já o escritor juiz-forano Silva Melo comenta em tom laudatório: “Se tivesse lido este livro, verdadeiro manancial de sabedoria, há mais tempo, muito teria tirado da vida que sinto ter perdido para sempre. Este livro que trata da morte, dá roteiros de vida; é uma mensagem de amor à humanidade” (1956, s/p.).

Junto aos elogios, o romancista recebe críticas formais do próprio Álvaro Lins, que sugere o aumento do número de diálogos, para dar ao personagem uma maior sensação de vida. A sugestão de ordem técnica também compreende variações do movimento da narrativa, pois Lins considera a obra uniforme, com a repetição um tanto monótona dos

personagens e das cenas. A seu juízo faltam-lhe paciência, concentração e composição do romance.

A propósito, antes de passarmos à próxima seção, sublinhe-se que tudo indica o efeito positivo de tais críticas. No limite, pode-se especular que José Lins foi receptivo à observação de Álvaro Lins, pois o próprio assim reconhece na apresentação do romance seguinte, *Fogo morto* (1943), seu livro mais consagrado, tido como sua obra-prima por críticos do porte de Antônio Candido, além do prefácio do imigrante austríaco Otto Maria Carpeaux. Enquanto Carpeaux prefacia o livro recém-lançado do “brasileiríssimo” José Lins (VILLAÇA, 2020), Cândido, já em janeiro de 1944, publica artigo para o jornal *Folha da Manhã*, em texto elogioso intitulado “Um romancista da decadência”, que figura na coletânea *Brigada ligeira* (1945).

### **O jogador de futebol e o drama da fama**

Uma das maiores surpresas de *Água-mãe* consiste na inclusão do futebol no corpo da narrativa, fato praticamente inédito na ficção naqueles princípios de anos 1940. Há quem reivindique a condição de primeiro romance a incorporar o tema do futebol na história da literatura brasileira, mas não se pode olvidar que um ano antes, em 1940, o cronista ítalo-paulistano Thomaz Mazzoni publicara *Flô, o melhor goleiro do mundo* (2016). Em que pese a antecedência cronológica deste, tem-se a favor de José Lins do Rego uma reputação prévia obtida no meio literário, condição jamais postulada e alcançada por Mazzoni. Ademais, a densidade, a qualidade e a consistência ficcional presentes em *Água-mãe* tornam discrepantes e assimétricas uma comparação entre os dois.

Um dado circunstancial deve ser evocado: quando surgiu *Água-mãe*, José Lins do Rego ainda vivia sob o impacto da Copa do Mundo de 1938, que também afetara, como é sabido, seu amigo e sociólogo Gilberto Freyre, aludido na primeira seção desse artigo. O desempenho de Leônidas da Silva naquele torneio tem um significado especial para José Lins. Ele galvaniza as atenções da população e dos torcedores, o que não passará despercebido ao escritor. Assim, o memorialismo associado ao romancista assinala que o Mundial da França é seu *leitmotiv*, a arrebatá-lo para o futebol e, em seguida, para o Flamengo (HOLLANDA, 2004).



Dessa feita, entre as várias histórias que se interpenetram em *Água-mãe*, José Lins constrói a personagem do jogador de futebol. Joca, um modesto filho de pescadores, no caso de Candinho, sonha o estrelato em um clube de futebol profissional do Rio de Janeiro, como tantos aspirantes de sua geração. Saído de um clube pequeno amador do interior, o Tamoios, Joca vai jogar no Fluminense e daí em diante ganha projeção na capital do país.

A glória do jogador, contudo, não impede uma crítica que subjaz contida na narrativa. José Lins mostra a notoriedade extraordinária e o caráter inebriante da celebridade alcançada pelo futebolista, em um momento histórico em que esta modalidade esportiva era recém-profissionalizada. Sem embargo, realça também a fugacidade da trajetória de um jogador, em especial o drama de um atleta oriundo das classes populares nos esportes, algo, diga-se de passagem, tão verossímil à época quanto parte do senso comum ainda hoje, para quem acompanha a realidade do jogador brasileiro em seu dia a dia e vai além do imaginário de sucesso que favorece alguns deles.

O filho de Cabo Candinho, pescador de crustáceos, é, bem-entendido, um personagem coadjuvante do enredo geral da ficção. Não obstante são vários os momentos em que Joca ganha relevo e é descrito com mais detalhes durante a trama romanesca. Na primeira parte, ele aparece de forma diluída nos capítulos, ao passo que, na segunda, são diversos os momentos, em especial nos capítulos IV, VI, IX, XIV, XIX e XXIII. Ou seja, a narrativa volta-se à narração da ambiência do futebol em ao menos sete seções do livro.

Joca, então com 17 anos, é o melhor jogador de futebol de Cabo Frio e atua como ponta de lança do Tamoios, o clube amador da localidade. Seu desempenho chama a atenção dos observadores, até que recebe proposta do Doutor Lourival, o filho da família rica, para jogar em um grande e tradicional clube do Rio de Janeiro. O convite deixa de início a mãe, Sinhá Antônia, desesperada, mas ao final Joca muda-se para a capital e vai jogar no Fluminense.

E Joca estava mesmo de viagem marcada. A coisa começou num domingo. Os Tamoios jogaram com um *team* de Maricá. Fizera naquela tarde o seu jogo preferido, o de passes para as extremas. Comera com vontade toda a defesa, fizera um gol de mestre. Vinha correndo da direita para a esquerda, passara por toda a defesa e brincando, devagar, colocara a bola num canto, como se estivesse numa *snooker*. Gostara

da partida. Depois foi chamado pelo Doutor Lourival, que estava assistindo ao jogo:

- Você quer ir para o Rio?

- Se quero? É só o senhor mandar. (REGO, 1976, p. 296)

\*

Iria mostrar ao povo do Cabo que seria mais alguma coisa do que estivador. Lembrava-se de Fausto<sup>1</sup>, viajando em navio grande, assombrando a Europa, tratado como rico. Um preto conhecido mais do que muito branco, do que muito doutor de verdade. O povo de sua casa compreendia isso. Sua mãe pensaria que ele ia se perder, se acabar. Não podia ver a mãe chorar. Sentia uma coisa por dentro, um alvoroço. Desde pequeno que era assim. Ela era tão boa, tão dedicada, tão carinhosa! (REGO, 1976, p. 297)

No clube das Laranjeiras, o jovem interiorano faz sucesso rapidamente, torna-se cobiçado entre os cartolas e a imprensa, e venerado pela torcida. Posa para foto a cores em revistas e é reconhecido como um craque autêntico, egresso de um clube do interior e a grande sensação da temporada, segundo avaliação dos cronistas especializados. José Lins instila na narrativa a descrição de um Flamengo e Fluminense e narra com acuidade literária o gol de Joca na partida. O futebolista torna-se em pouco tempo famoso na cidade, sendo perfilado de corpo e alma por José Lins:

Joca fora de fato uma revelação. No grande jogo fora a sensação dos cronistas. Nunca eles tinham verificado semelhante estreia. Um rapaz de clube de interior, apresentar-se assim, com aquela desenvoltura de craque autêntico. Fizera um gol de mestre. Joca bem se lembrava da jogada. A sua força estava na segurança com que agia, na serenidade com que se mantinha no mais arriscado da luta. Tinha cabeça, nervos ágeis e sãos. Entrou em campo e quando viu aquela multidão enfurecida, gritando, milhares de cabeças, milhares de braços, gritos, palmas, sentiu um frio pelo corpo. No entanto, a primeira bola que pegou, dominou-a num lance, num daqueles seus lances rápidos de servir a esquerda com precisão absoluta. Encontrou admiração pelo feito. E sentiu-se de repente dono do campo. (REGO, 2012, p. 133)

Dali em diante, seu nome provoca frenesi na torcida tricolor e reverbera nos demais torcedores e na opinião pública.

- Já leste o jornal? Tem o teu nome.

Na parte esportiva aparecia de fato o seu nome. “Uma descoberta sensacional do Fluminense. Um diretor do aristocrático clube das Laranjeiras descobriu no Cabo Frio uma novidade. Um grande centro-avante. Dizem que a direção técnica espera treiná-lo para o próximo

---

<sup>1</sup> Alusão ao jogador Fausto dos Santos, jogador do Flamengo, conhecido popularmente como a “Maravilha Negra”.

Fla-Flu. E vieram elogios, mais palavras. Joca ouviu emocionado a leitura da notícia. Ia caminhando para o sucesso. (REGO, 1976, p. 299)

Entrementes, Joca não esquece de suas origens familiares. Morando na cidade do Rio, envia cartas à mãe de tempos em tempos. A família se mobiliza em prol de Joca. O irmão Julinho ouve as partidas pelo rádio. Este aparelho sonoro de transmissão é o principal meio de comunicação de massas à época e permite que o sucesso do rapaz se espraie logo a toda a família e atinja toda a região natal. Já Lourdes prepara o enxoval de casamento sob os auspícios do irmão famoso.

Em formato de missiva, o romance transcreve a mensagem do ídolo à figura materna:

Mãe, estou passando bem de saúde e desejo que todos daí estejam gozando perfeita saúde. Mãe, tenho sentido saudades da senhora e de todos. Só não escrevi porque, mãe, sabe que eu não gosto de pegar a pena. Mãe, estou bem empregado. Estou juntando uma coisinha para mandar ao pessoal daí. Para o ano, vão me aumentar o ordenado. E assim, eu vou mandar ajuda para a senhora e as meninas. Aqui todo o mundo gosta de mim. Diga ao Julinho para ler as notícias do *Jornal dos Sports*, que tem uma história com toda a gente de casa. Mãe, mande a sua benção. Do seu filho, JOCA. (REGO, 1976, p. 309).

O prestígio de Joca cresce ainda mais e o craque do Fluminense consegue enfim uma vaga na Seleção brasileira, de início na reserva de Zezé. Logo, o filho de Candinho passa a ser aclamado como o maior “center-forward” do Brasil. José Lins do Rego inclui um fato verídico na trama, com remissão à disputa da Taça Rio Branco, em Montevideu, 1932, vencida pela Seleção contra os temíveis uruguaios.

Dois anos depois de lançar *Água-mãe*, em 1943, José Lins voltará a escrever sobre o torneio e prefacia o livro do amigo e jornalista Mário Filho, “Copa Rio Branco, 32”, conforme já observamos na primeira seção do presente artigo. O prefácio intitula-se “Biografia de uma vitória” e nele refere-se em tom de elogio à “democracia social” que impera na composição da equipe nacional.

Por sua vez, na ficção, a escalação de Joca, grande esperança nacional, é assim reconstituída no trajeto à capital uruguaia:

Faltavam cinco dias para a grande partida. Joca salvaria a seleção do Brasil. A federação assumiu a responsabilidade e ele seguiu de avião, para reforçar o escrete brasileiro. Para ele tudo aquilo era maravilhoso. O Brasil de todos os brasileiros contava com ele. Seguiu: nas sete horas de avião, aquilo não lhe saía da cabeça. Na beira da Araruama, estava a

sua gente, sabendo que ele era a esperança do Brasil. Lá de cima, viu as terras do Brasil, viu o grande mar imenso, parado, sem ondas, como se fosse de óleo. Em Porto Alegre, apareceu uma delegação esportiva para saudá-lo. Fizeram discursos. O Brasil contava com ele e no domingo entrou em campo, debaixo de vaia estrondosa, de gritos de uma multidão hostil. Correu em campo, sentindo-se oprimido por milhares de torcedores. Tinha contra si o campeão do mundo. Formaram-se os esquadrões. Cantaram o hino brasileiro e nunca aquelas palavras, aquela música lhe saíram da boca com mais sentido, com mais vigor. (REGO, 2012, p. 159-160)

É de se notar que o vocabulário do futebol em inglês – *team*, *match* e *scratch* –, consignado no jornalismo esportivo de então, lado a lado com termos abasileirados, é mantido no romance. Da mesma forma, a descrição das partidas é relatada amiúde, com vistas a reproduzir em palavras a emoção e a intensidade de uma transmissão radiofônica, como dito, grande meio de comunicação da época, também chamada de Era do Rádio. Descreve-se o entusiasmo dos torcedores pelo futebol e amplifica-se o fervor de jornais, de estações de rádios e de revistas, que reverenciam o nome de Joca, a atingir fama nacional. O jovem, outrora estivador nas salinas cabofrienses, com o penoso cotidiano e a dura sina de carregar sal às costas, encanta-se com a glória e com a popularidade ensejada pelo futebol. Em contrapartida, promete à família comprar-lhes um sobrado e tirá-los da pobreza.

A ascensão contagiante de Joca na carreira continua. Em determinado momento, ele vai disputar uma partida pela Seleção na Argentina. Em Cabo Frio, o jogo é irradiado em praça pública e reúne uma multidão em torno do jogo. Para incrementar, uma banda de música leva festa à praça, com a população a comemorar mais uma vitória de Joca pela Seleção. Em retribuição, na volta, o jogador pega o trem de Maricá e vai à casa dos pais rever a pobre família, reencontrar os amigos de estiva e saudar os moradores locais.

Se o futebol é o emblema da cultura de massas e da paixão popular, personificada na ascensão das classes sociais, por meio da figura emergente de Joca, José Lins contrasta tal imaginário esportivo com o ambiente “burguês” das corridas de cavalo. Estas surgem no enredo pela personagem do imponente Paulo Mafra, representante da alta burguesia carioca, frequentador do Jockey Club e apreciador das competições do turfe, vistas aqui sob as lentes de um requintado, que não perde o Grande Prêmio Brasil. Outra modalidade esportiva mencionada na ficção realista e sempre atenta à

verossimilhança, é o automobilismo, em particular o circuito de corridas de carros da Gávea, existente na cidade desde 1934.

Todavia, as peripécias futeboleiras do craque Joca não terminam com um, por assim dizer, final feliz. Ao fim e ao cabo, o escritor opta por acentuar à trama um tom crítico, endossando o hiato entre o sonho e a realidade da carreira do jogador. Após toda a notoriedade e todas as conquistas, assiste-se a uma inflexão trágica. Uma contusão, decorrente de uma jogada fortuita, acomete Joca em uma partida. Ao fim de três meses, após tentativas sucessivas de reabilitação, o “astro” se vê afastado inelutavelmente dos campos. As consequências da lesão são maiores que as esperadas e o jogador é instado, de maneira precoce, a abandonar em definitivo a carreira.

O “destino”, para retomar a observação de Álvaro Lins, comparece de forma cruel e inapelável, com a decadência e o rápido esquecimento do ídolo, logo substituído por outro futebolista. De volta à dura realidade do torrão natal, o outrora atleta definha, esquecido, “na flor da idade”. Com o agravamento de sua saúde, acaba por falecer em frente à lagoa de suas origens.

E aquele verão terminou e vieram os meses de inverno. As notícias de Joca eram as piores. O astro ruíra, caindo ao chão aos pedaços. Tudo acontecera no lance banal. A bola estava com ele; passou-a ao meia e correu para dentro da área. Viu então o extrema preparar o centro e saltou para cabecear. E caiu sem sentidos. O beque interviu no mesmo instante e o pegara em cheio, com um pontapé no estomago. A princípio não dera importância. Depois foram aos raios X e constataram um tumor no fígado. Esteve entre a vida e a morte. A operação encheu os noticiários. Deixou o hospital para um mês de repouso em Teresópolis. Voltou ao departamento médico. Vieram outros médicos, andou em muitos consultórios. Todos concordaram com sua invalidez. Não seria mais homem para futebol. Não podia acreditar naquilo. Tudo em três meses. O melhor centroavante do Brasil reduzido a uma inutilidade. (REGO, 2012, p. 250)

A fim de encerrar essa seção, recorreremos novamente à recepção da crítica sobre o livro, tal qual ela aparece nos anos 1950. Nessa década, o jovem Glauber Rocha, então um iniciante na crítica cultural na Bahia, se encantou com a obra de José Lins do Rego. O cineasta baiano leu a obra do romancista paraibano na íntegra, inclusive *Água-mãe*, e resumiu a parte em que José Lins trata da carreira do jogador. Tratava-se de mais um personagem frustrado, galeria dos demais tipos sociais descritos pelo autor: o senhor de engenho, o bacharel, o literato, o cangaceiro, o contador de histórias. Eis seu comentário:

Joca, o jogador de futebol, é a manifestação em nosso romance desse ídolo nacional. José Lins, grande entusiasta e entendedor desse esporte, exhibe seus conhecimentos com descrições de peijas na melhor linha da crônica esportiva. Por outro lado, ultrapassando o devaneio, traça rápida, mas profundamente, o roteiro geral do jogador de futebol: sua ascensão, seu auge na seleção nacional, sua queda brusca, sua morte na humildade e no esquecimento de onde veio. Joca morre ali mesmo, sentado na porta de casa, olhando tristemente a lagoa. (In: GOMES, 1998, p. 578)

Mesmo com qualidades literárias e narrativas, pouco a pouco, durante a segunda metade do século XX, *Água-mãe* dissolveu-se na fortuna crítica do escritor, secundarizado, quando não menoscabado, esquecido. Não cabem aprofundamentos nas razões pelas quais os julgamentos de valor relegaram o livro ao ostracismo. Sob a ótica dos historiadores, chama a atenção que, junto a critérios estéticos, há sempre processos históricos, sociais, editoriais e sociológicos intervenientes que explicam tal esquecimento no conjunto da obra do escritor e mesmo no plano mais geral e canônica da história do modernismo brasileiro.

### **Para concluir**

À guisa de conclusão, pode-se retomar a discussão inicial do artigo, a respeito do contexto biográfico do autor, com a informação segundo a qual a estada de José Lins em Cabo Frio não se prolongou. Já no início da década de 1940, o escritor regressa de sua temporada interiorana à capital, onde passaria a morar na Rua General Garzon, número 10, no bairro do Jardim Botânico, nas proximidades do Leblon e da Lagoa Rodrigo de Freitas. O futebol continuará a motivar de corpo e alma o cotidiano do escritor, como o fizera desde 1938, desde que acompanhou a performance de Leônidas da Silva na Copa do Mundo da França, transmitida pelo rádio.

Em seu perfil biográfico (HOLLANDA, 2012), consta que a admiração do escritor pelo craque se estende ao clube carioca pelo qual atuava, o Flamengo. O ídolo negro atuará no time rubro-negro até 1942, um ano depois do lançamento de *Água-mãe*, quando se transfere, após desentendimentos com os dirigentes de então, em transação milionária segundo os padrões da época, para o São Paulo Futebol Clube. Outros ídolos clubístico surgem e se sucedem, como Biguá e Zizinho, e ocupariam a atenção da produção

cronística do escritor, em sua coluna “Esporte e Vida”, no *Jornal dos Sports*, de 1945 em diante.

Se os ídolos do clube passam, a flama pelo clube do Flamengo perdurará até o fim da vida do escritor, quando falece em 1957, com menos de 60 anos. No decurso do decênio de 1940, como dito, José Lins torna-se não só cronista, mas também dirigente esportivo. Sob tal condição, assume postos de entidades estatais, como Conselho Nacional de Desportos/CND, vinculado ao Ministério de Educação e Saúde, e privadas, a exemplo da Confederação Brasileira de Desportos/CBD, de que é secretário-geral e até mesmo presidente interino.

Nesse sentido, o futebol não desaparece nem de seu dia a dia, nem de sua ficção, ainda que sua presença romanesca se dê de forma menos expressiva e mais incidental. Isso porque o tema reaparece em *Eurídice* (1947), também ambientado no Rio de Janeiro, por meio de outra personagem coadjuvante. Desta feita, trata-se de Jayme, que faz as vezes de torcedor rubro-negro, não por coincidência homônimo do então chefe da torcida, a Charanga do Flamengo, Jaime de Carvalho, de quem o escritor também era próximo e com quem convivia nos estádios e nos bares da cidade.

Assim, à sombra da lagoa de *Água-mãe*, a trajetória do verídico Leônidas e do fictício Joca são, pois, duas faces ambíguas da redenção e do fracasso futebolísticos, experienciados por inúmeros jogadores ao longo do século XX, e que naqueles idos dos anos 1940 impactaram tanto a vida quanto a obra de José Lins do Rego.

Em conclusão, o presente artigo, motivado pela proposta do dossiê *Outros 1992*, procurou recolocar o debate acerca das relações entre o modernismo paulista e o regionalismo nordestino, por meio do caso do escritor aqui em tela. A desconstrução do imaginário regionalista exclusivamente atado à paisagem do Nordeste foi buscada na produção literária do romancista paraibano, com o acompanhamento da série romanesca do escritor e seus desdobramentos autorais nas décadas de 1940 e 1950.

A opção por um romance classificado pela crítica como “independente”, cujo enredo transcorre no interior fluminense e na capital da República, a reproduzir ficcionalmente aspectos da atmosfera social do Rio de Janeiro do final dos anos 1930, pareceu-nos um recorte apropriado para

mostrar uma outra faceta do escritor, menos tributária da chancela de corte regionalizante. Ademais, a tematização do futebol em um dos flancos narrativos do livro veio também ao encontro do argumento do artigo, porquanto mostra de que maneira uma expressão da cultura de massas do país, difundido pelos jornais e pelo rádio, era incorporada à discussão mais ampla em torno da identidade nacional e da história literária brasileira.

Destarte, a narração da trajetória de um aspirante a jogador procura, por intermédio da carreira profissional, a ascensão social e a fama proporcionada pela popularidade dessa prática esportiva, seja em um grande clube do Rio, no caso o Fluminense, seja mesmo o seu acme na Seleção nacional. Seu, por assim dizer, “triste fim” mostra o reverso da moeda, com o encerramento precoce da vida nos gramados, a precipitar sua decadência e a empurrá-lo a um rápido esquecimento.

Tal reversão expõe as mazelas, as armadilhas, e em certo sentido, a crueldade da profissão. Pode-se dizer que esse imaginário futebolístico, ficcionalizado por José Lins, cristalizou-se desde então e ainda vige nos dias de hoje. Boa parte da visão sobre o jogador do futebol é caudatária dessa condição, a experimentar situações extremas, que vão do anonimato à fama e da pobreza à riqueza, em uma dinâmica de mobilidade econômica e de visibilidade social tão intensa quanto perversa.

A eleição da obra de José Lins não nos fez, entretanto, restringir a um único literato o argumento central do texto. Embora tenha sido esse autor central na incorporação do temário do futebol na história do modernismo brasileiro, buscou-se dar subsídios prosopográficos e enquadramentos geracionais para a compreensão da relação dos intelectuais com o fenômeno futebolístico. Neste sentido, o artigo reconstitui o relacionamento de outros autores nordestinos – o jornalista Mário Filho e o sociólogo Gilberto Freyre, em especial –, de modo a evidenciar as interlocuções destes na cristalização de um significado cultural para o futebol na primeira metade do século XX.

Dentro assim de uma missão constitutiva do projeto da modernidade e da brasilidade, perseguida por muitos modernistas à época, foi possível enquadrar o romance *Água-mãe* (1941) e os escritos reguianos em um diapasão mais amplo do ideário nacional, próprio à edificação intelectual da cultura popular, que tantos efeitos teria nas décadas subsequentes na vida do país e na moldagem do cotidiano do brasileiro com o futebol.



## Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2018.

ANSELMO, M. “Um romance de José Lins do Rego”. In: **Família literária luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943.

ANTUNES, F. **Com o brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BUENO, L. **Uma história do romance de 1930**. São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, A. “Um romancista da decadência”. In: **Brigada ligeira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

CAPRARO, A.; SANTOS, N.; CAVICHIOLLI, F. R.; MEZZADRI, F. M. “A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relações de força”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: n. 30, vol. 2, 2016, p. 323-333.

CASTELLO, J. A. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CASTRO, R. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, R. “Materialidade do texto e expectativas de leitura: concordâncias ou discordâncias?”. In: HOLLANDA, B. B. de; MAIA, J.; PINHEIRO, C. (Orgs.). **Ateliê do pensamento social: métodos e modos de leitura com textos literários**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

CORREA, R. A. “Reflexões à margem de Água-mãe”. In: **Anteu e a crítica**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1948.

COUTINHO, E. **Zélines: Flamengo até morrer**. Rio de Janeiro: sem editora, 1995.

COUTINHO, E. F. “Apresentação”. In: REGO, J. L. do. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.

COUTINHO, E. F.; CASTRO, Â. B. de (Org.). **José Lins do Rego: Coleção Fortuna Crítica**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

COUTINHO, R. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

DUTRA, E. “Cultura”. In: GOMES, Â. de C. **Olhando para dentro: 1930-1964**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

FRANCO, A. A. de M. “O espelho das águas”. In: **Jornal Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 22 de março de 1942.

GOMES, J. C. T. **Gláuber, esse vulcão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- HELAL, LOVISOLO, SOARES, 2001. **A invenção do país do futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001
- HOLLANDA, B. B. B. de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- IVO, L. “Conferência sobre *Riacho doce*”. In: **Ciclo da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro, janeiro de 2001.
- JARDIM, E. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: PUC-Rio Editora, 2016.
- LEITE LOPES, J. S. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: n. 22, 1994, p. 64-83.
- LINS, Á. “Memória e imaginação”. In: REGO, J. L. do. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956, 4ª edição.
- LIRA NETO. **Uma história do samba**: as origens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MAZZONI, T. **Flô, o goleiro melhor do mundo**. São Paulo: Pebola, 2016.
- MONTENEGRO, O. “O novo romance de José Lins do Rego”. COUTINHO, E. F.; CASTRO, Â. B. de (Org.). **José Lins do Rego**: Coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.
- NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.
- PARADA, M. **Educando corpos e criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro: Appicuri, 2009.
- PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PINTO, M. da C. “Apresentação”. In: REGO, José Lins do. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013.
- RECHTENTHAL, I. U. **Água-mãe na produção romanesca de José Lins do Rego**. Araraquara: Dissertação de Mestrado em Letras/UNESP, 2014.
- REGO, J. L. do. “Romance do football”. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1950, p. 5.
- REGO, J. L. do. **Água-mãe**. Prefácio de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.
- REGO, J. L. do. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976, vol. 2.
- REGO, J. L. do. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2013, 13ª edição.
- RODRIGUES FILHO, M. **Copa Rio Branco, 32**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943.

RODRIGUES FILHO, M. **Romance do football**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.

SANTIAGO, S. **Em liberdade**: uma ficção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VILLAÇA, D. L. "José Lins do Rego, entre o orgânico e o problemático". In: **Teresa**: Revista de Literatura Brasileira. São Paulo: n. 20, 2020, pp. 191-209.